



D. FRANCISCO DE AQUINO CORRÊA

Elizabeth Madureira Siqueira

D. Francisco de Aquino Corrêa, personalidade da História e da cultura matogrossense, foi competentemente analisado por Corsíndio Monteiro da Silva, ouçamo-lo, em uma de suas múltiplas homenagens ao arcebispo cuiabano:

Quem teve a fortuna de conhecer pessoalmente Dom Aquino Corrêa, nome pelo qual era mais conhecido, nunca jamais haveria de supor fosse ele de origem modestíssima, tal o seu garbo, tal a sua figura majestática, tal o seu refinamento, tal a sua cultura que todos enlevava.

Seu pai foi um homem modestíssimo, de poucas letras, filho de uma família obscura de Meia-Ponte, atual cidade de Pirenópolis, no Estado de Goiás, e que se aventurou, em lhe chegando a adolescência, a ir trabalhar em Cuiabá, capital da então Província de Mato Grosso. Logrou Antônio Tomás de Aquino Corrêa, que este era o nome do seu progenitor, empregar-se na casa comercial do Comendador Joaquim Gaudie Ley, homem bom e generoso. Após oito anos de dedicação ao trabalho, em que se revelou um jovem correto e digno, não teve dúvida o Comendador em dar-lhe em casamento sua segunda filha, Maria d'Aleluia.

Passou o casal a viver vida modesta, havendo quatro filhos, um dos quais nasceu a 2 de abril de 1885, numa Quinta-feira Santa, na chácara Bela Vista, à margem esquerda do rio Cuiabá, num modestíssimo bairro chamado Terceiro, nos arredores da cidade de Cuiabá, e que recebeu, na pia batismal, em homenagem ao seu onomástico, São Francisco de Paula, o nome de Francisco Tomás de Aquino Corrêa.

Cerca de mês depois de completar cinco anos de idade, Francisco já era órfão de mãe.

Com muito sacrifício, conseguiu seu pai mantê-lo nos estudos. As primeiras letras ele as estuda no Colégio São Sebastião, matriculando-se, depois, no curso secundário do Seminário da Conceição, então regido pelo Monsenhor Bento Severiano da Luz, Secretário particular do Bispo de Cuiabá Dom Carlos Luís D'Amour, que foi padrinho de batismo do menino Francisco.

Aos 9 anos de idade, presencia a chegada festiva a Cuiabá de Dom Luís Lasagna, Bispo titular de Trípoli, Superior dos Salesianos na América do Sul, que fora a Cuiabá para instalar a obra salesiana na capital de Mato Grosso, a pedido de Dom Carlos Luís D'Amour e do Presidente do Estado, Dr. Manoel José Murtinho.

A figura imponente e simpática de Dom Lasagna impressionou vivamente aquele menino, que dele traçaria, depois, belo retrato e no qual mais tarde possivelmente se inspirou.

Aos 10 anos, passa a freqüentar as aulas do Liceu Salesiano São Gonçalo, cujo diretor era, na época, o Padre Antônio Malan, que fora com Dom Luís Lasagna, em 1894, para Cuiabá. Afeiçãoou-se de tal modo ao Padre Malan que, por toda a sua vida, sempre teve uma referência amiga, uma composição literária a ele dedicada. um convite especial de que fazia alvo o futuro Bispo de Petrolina. Certa ocasião, afirmou: 'Dom Malan foi o "pai espiritual da minha alma de menino e moço".'

A 6 de novembro de 1895, em um pavoroso desastre de trem, ocorrido em Minas Gerais, morre o Bispo Dom Lasagna, fundador da obra salesiana no Brasil. Um ano depois, foi instituída a Inspetoria Brasileira dos Salesianos, e uma Vice-Inspetoria nas Missões de Mato Grosso, sendo constituído Vice-Inspetor o Padre Malan.

Aos 12 anos de idade lê o livro de Dom Bosco intitulado "O Jovem Instruído", que lhe causa funda impressão e que o fizera 'tanto refletir e meditar'.

Por esse tempo, foi fundada a Escola Agrícola de Coxipó da Ponte, a seis quilômetros da cidade de Cuiabá, e que, posteriormente, foi transformada em sede de Noviciado.

Foi neste lugarejo bucólico, à margem esquerda do rio Coxipó, um rio então de águas límpidas e cantantes, que o nosso jovem Francisco iniciaria sua vida sacerdotal.

Aos 14 anos, sua vocação para a poesia começa a manifestar-se, como resultante de seu gosto pela língua e literatura vernáculas.

Para ajudar-se nos estudos, passa a lecionar particularmente as línguas francesa e portuguesa, além de matemática.

Detestava o latim, mas, aos poucos, começou a interessar-se pelos estudos clássicos e a dedicar-se ao aprendizado intensivo, não só do vernáculo quanto da língua latina, incentivado que passou a ser pelo jovem Padre Helvécio Gomes de Oliveira, que viria a ser depois, como se sabe, Arcebispo de Mariana, e que foi seu amigo, por toda a vida, juntamente com seu irmão Padre Emanuel Gomes de Oliveira, depois Arcebispo de Goiás.

Aos 15 anos já lia no original a "Vida de Agrícola", de Tácito, e a "Imitação de Cristo", e sua primeira poesia teve como tema "A Virgem de Dom Bosco".

Aos 17 anos, deixa o lar paterno a caminho do Noviciado dos Padres Salesianos de Dom Bosco, no Coxipó da Ponte, então um vilarejo nos arredores de Cuiabá. Ali é feito professor de latim. Quinze dias depois dirige-se, por carta, ao Padre Malan, Inspetor Salesiano, em que manifesta desejo de 'receber as vestes do missionário'.

Essa carta é pelo destinatário remetida ao Padre Diretor, Philippo Pappalardo, para que lhe desse informações a respeito do pedido e do postulante. A informação de logo prestada é que o noviço Francisco 'é certamente uma das flores mais escolhidas com que o Sacratíssimo Coração de Jesus e Nossa Senhora Auxiliadora quiseram mimosar este Noviciado', aduz o informante, para concluir: 'Confirmam minhas esperanças a sua obediência sem limite, a sua ilibada pureza, e caráter alegre e constante'.

Aos poucos, podemos verificar que se vai delineando a personalidade de Dom Aquino Corrêa. Revelou-se, desde cedo, o seu raro talento, o seu sentido de obediência, a sua pureza e aquela alegria, constante preconizada por Dom Bosco a seus filhos.

No dia 19 de março de 1903, dia consagrado a São José, juntamente com seu colega e amigo Armindo Maria de Oliveira, recebe a batina das mãos do Padre Malan, dando início ao Curso Filosófico, sob a direção do Padre siciliano Philippo Pappalardo.

Em junho de 1904, submete-se a uma banca examinadora do Liceu Cuiabano, para revalidar seus estudos feitos no Liceu Salesiano, ainda não reconhecido oficialmente, fazendo o chamado Exame de Madureza. Sai-se brilhantemente, sendo mesmo saudado, publicamente, pelos professores integrantes da banca examinadora, Desembargadores Luís da Costa Ribeiro e Carlos Salaberry.

O Desembargador Costa Ribeiro, tendo conhecimento da situação financeira do jovem Francisco de Aquino, ofereceu-lhe, de público e de imediato, condições para que estudasse no Rio de Janeiro ou São Paulo, à sua escolha, o que o jovem noviço não aceitou, pois que seu desejo era prosseguir nos estudos para o sacerdócio.

Assim é que, ajudado pelos salesianos, em 2 de julho de 1904, segue para Roma, em companhia dos Padres Malan e Helvécio Gomes de Oliveira, que iam tomar parte no Décimo Capítulo Geral da Congregação Salesiana, em Turim. Matricula-se, ali, na Academia de Santo Tomás de Aquino e na Universidade Gregoriana, em ambas doutorando-se, respectivamente em maio de 1907 e em outubro de 1908, sendo, a seguir, ordenado Subdiácono.

A 17 de janeiro de 1909 é sagrado Presbítero, em Roma, e, no dia seguinte, celebra sua primeira missa, na Basílica de São Pedro, sobre o túmulo do Apóstolo.

Até aí sua alma de artista produziu muita poesia a que ele denominou "Musa em Botão", primícias essas que ele primeiramente ofereceu a Deus da sua devoção sacerdotal, repetindo aquela palavra do Êxodo: Primitias Domino!

Considerando sua morte para o mundo, e invocando aquilo da Epístolas de S. Paulo aos Colossenses (III, 3): 'Porque já estais mortos, e a vossa vida está escondida com Cristo em Deus', aos 19 anos escreveu esta bela poesia. Escutai:

*Um ano vai que, ao bimbalar dos sinos,
Minha mortalha enfiei. Foi sepultura
A solidão. Sobre ela a Virgem pura
O manto abriu em crespos azulinos.*

*Lá fora vibra a mocidade em hinos,
beijando a rosa que tão breve dura...
Adeus, ó mundo! essa grinalda imputa
Que vale a troco de lauréis divinos?*

*Há mais volúpia onde a alma se me aninha,
Tem mais perfumes da Madona o manto,
Tem mais amor de um Deus o coração!*

*Velai, ó Deus, sobre a campa minha:
Fazei que da sereia o infindo canto,
Ai! não me acorde desta morte, não.*

[...]Em 1909, retorna ao Brasil e, a 2 de junho de 1910, regressa à terra natal, Cuiabá.

Passa a lecionar no Liceu Salesiano São Gonçalo, as disciplinas Língua Portuguesa, Latim e História, e, como Delegado matogrossense, toma parte no Primeiro Congresso Internacional Americano de ex-Alunos Salesianos, realizado em Buenos Aires.

Ano seguinte, 1911, é designado Diretor do Liceu Salesiano São Gonçalo, em substituição ao Padre Emanuel Gomes de Oliveira, cargo que exerceu de 1912 a 1914.

Começa a destacar-se na oratória sacra, continuando a escrever poesias e publicando-as em revista católicas, como a conhecida e prestigiada "Santa Cruz" do Liceu Coração de Jesus de São Paulo, graças ao empenho dos Padres Helvécio Gomes de Oliveira e Emanuel Gomes de Oliveira.

Aos 28 anos de idade, escreve uma de suas poesias de cunho patriótico que enlevou o Brasil inteiro, através das escolas, e que hoje, se ainda recitada, encontrará eco nos sentimentos de quantos a escutarem.

[...]No dia 2 de abril de 1914, ao completar 29 anos de idade, é nomeado, pelo Santo Padre Pio V, Bispo titular de Prusiade e Auxiliar da Arquidiocese de Cuiabá, sendo, então, o primeiro Bispo salesiano do Brasil e das Américas, e o mais jovem do mundo católico. A 1º de janeiro de 1915, na Catedral Metropolitana de Cuiabá, Dom Carlos Luís D'Amour, o qual, pela segunda vez, foi seu padrinho, tendo como consagrantes Dom Cirilo de Paula Freitas, Bispo de Corumbá, e Dom Antônio Malan, Bispo titular de Amiso.

Adota, então, definitivamente o nome de Dom Francisco de Aquino Corrêa.

Por esse tempo, Mato Grosso vivia dias agitados, de crises políticas, com grande prejuízo para a paz pública e para a Administração. O Governo Federal designa como Interventor no Estado o Dr. Camilo Soares de Moura, que passou a conhecer melhor o jovem Bispo-Auxiliar da Arquidiocese de Cuiabá, famoso que já se estava tornando em São Paulo e no Rio de Janeiro. A própria Congregação Salesiana passava por momentos difíceis no Brasil, principalmente no Rio de Janeiro, e Dom Aquino, com a sua diplomacia, com a sua poesia e com a sua oratória, glorificadora dos mais nobres sentimentos cívicos, contribui para pacificação dos ânimos. Para mal dos pecados, acontece um naufrágio na Baía de Guanabara, na Barca Sétima, ocasião em que um aluno salesiano salva, com risco da própria vida, a Bandeira brasileira. O Prefeito do antigo Distrito Federal, procurando realçar esse ato de bravura, resolve condecorar o aluno salesiano, e Dom Aquino é escolhido como orador oficial. Enaltece, então, o culto à Bandeira[...]

A 11 de outubro de 1917, por interveniência do Presidente Wenceslau Braz, celebra-se, no Rio de Janeiro, um pacto político entre o Partido Republicano Conservador e o Partido Republicano Matogrossense, com o objetivo de resolver a crise política por que passava o Estado de Mato Grosso, havendo sido indicado o nome do jovem Bispo Salesiano para Presidente de conciliação do Estado, por sugestão feita, ao Sr. Presidente da República, pelo Interventor Federal, Dr. Camilo Soares de Moura, que ficará impressionado com a simpatia, a popularidade, o brilho da inteligência daquele jovem prelado que era incansável nas suas reiteradas mensagens de paz.

Com 32 anos de idade, é eleito, por sufrágio indireto, Presidente do Estado de Mato Grosso, tendo como precípua responsabilidade pacificar as hostes políticas matogrossenses, restituindo a confiança nas autoridades constituídas. Fora desse objetivo político, pouca coisa podia fazer o Presidente, em face de recursos escassos e falta de meios de transporte e de exploração do potencial de um Estado, na época com 1.380.000 quilômetros quadrados e uma população rarefeita disseminada por cidades separadas por grandes distâncias umas das outras.

Em seu governo, foi criado o Brasão d'Armas de Mato Grosso; inaugurando o serviço de força e luz em Cuiabá; os primeiros automóveis começaram a transitar pela Capital; foi solenemente comemorado o bicentenário da fundação de Cuiabá,

que recebeu a honrosa visita do Núncio Apostólico, Dom Ângelo Scapardini; foram fundados o Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso e o Centro Matogrossense de Letras, Centro este que se transformou depois na Academia Matogrossense de Letras, duas instituições culturais estas que passaram a gozar do maior prestígio não só em Mato Grosso como em todo o País.¹

Comandados por D. Francisco de Aquino Corrêa, o grupo de intelectuais que fundou o Instituto Histórico de Mato Grosso, teve essa personalidade como seu primeiro Presidente. Por ocasião da inauguração do Instituto mato-grossense, D. Aquino proferiu, na categoria de dirigente da instituição, um belíssimo discurso colocando o nosso Instituto como uma extensão daquele Brasileiro:

O Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, que tem por símbolo a árvore do pau-brasil, a "cesalpinia triumphal" de Eurico de Góes, alargara a majestosa ramalhada por todos os Estados, onde abrolharam, em rápida floração luminosa, as sociedades congêneres. Plantado, por aquele sábio espírito patriota, que foi o segundo imperador, mereceu ele a mais alta proteção e apoio de S. Majestade, que o previra bem mais futuroso e profícuo do que a célebre palmeira lançada, como régia dádiva, pelas mãos augustas do seu avô, ao seio virginal da nossa terra.²

Foi nessa mesma ocasião que D. Francisco de Aquino Corrêa lançou as bases filosóficas da Instituição nascente, criando para ela uma lema que o tempo não foi suficiente para apagar mas que, contrariamente, serve até hoje como rumo e palavra de ordem: *Pro patria cognita atque immortal!* Segundo seu próprio criador, significavam:

Pro Patria: Pela Pátria, pelo Brasil, e, sobretudo, por este recanto querido do Brasil, que é nosso florito torrão natal, Mato Grosso! Pela Pátria! Santo-e-senha dos sócios do nosso Instituto, divisa ideal que se eleve sempre do escachôo soturno de todas as paixões subalternas, como um belo pássaro branco a pairar sobre as nossas cachoeiras estuantes, bandeira bendita de paz e amor, a cuja sombra não vinguem partidarismos, extremados nem incompatibilidades dissolventes!

Pro Patria cognita!: Pela Pátria conhecida!

Eis o fim especial e distinto de um Instituto Histórico: tornar a Pátria sempre mais conhecida. Evidente a sua utilidade e importância, em se tratando principalmente de Mato Grosso. Um dos grandes males da nossa terra, senão o maior, bem o sabeis, é ter sido sempre tão mal estudada e conhecida, até por nós mesmos[...]

² - SILVA, Corsíndio Monteiro da. *Tocado pela graça*. p. 1-11.

¹ - CORRÊA, D. Francisco de Aquino. "Discurso pronunciado por ocasião da instalação do IHGMT". *RHGMT*, 1964. p. 299.

*Pro Patria cognita atque immortalis! Pela Pátria conhecida e imortal!
A imortalidade da Pátria! Eis a aspiração suprema do Instituto.,
Srs. há pátrias mortas e que ainda vivem.*

*Sem falarmos nesse misterioso povo hebreu, predestinado à glória
estupenda e singular no grande cenário da civilização humana, aí está o
antigo Egito que, em pleno século XIX, como que ressuscita ao esplendor
hierático das suas venerandas inscrições hieroglíficas: aí está a Assíria
que sai como de um velho sepulcro, quando a ciência exuma e soletra as
suas curiosíssimas bibliotecas de tijolos cuneiformes; aí estão a Grécia e
Roma, cujas línguas, hoje mortas, ainda nos falam e falarão, para sempre,
da histórica, da cultura e da grandeza admiráveis daqueles povos.
São Pátrias imortais!*

*Só morrem para sempre, Srs., as pátrias, cujos filhos não souberam
perpetuar-lhes a vida nas brônzeas páginas indefectíveis da história que,
quando muito, conserva-lhes, por único epitáfio, o nome, equivalente,
aliás, a um estigma perene de ignorância, esterilidade e barbárie³.*

A esperança de D. Aquino, com a fundação do Instituto Histórico de Mato Grosso era, certamente, perpetuar, através de seus membros, a história e a memória de sua terra natal:

*Não acontecerá o mesmo com Mato Grosso. Instala.-se nesta hora, mercê
de Deus, o seu Instituto Histórico, cujo esforço contínuo será reviver as
gloriosas tradições e imortalizar a alma bandeirante e estóica do povo
mato-grossense.*

*Eis porque, Srs., é com verdadeira emoção de patriotismo que, ao declarar
aberta esta sessão e instalado o Instituto Histórico de Mato Grosso, repito
solenemente a palavra que encerra, como em uma nobre legenda heráldica,
toda a grandeza do seu formoso ideal cívico: Pro Patria cognita atque
immortalis! Pela Pátria conhecida e imortal!⁴*

A trajetória de D. Aquino foi longa e frutífera em feitos e atuações, vejamos esse percurso na fala do Dr. Corsíndio Monteiro da Silva:

*Por Breve de Sua Santidade o Papa Bento XV, é-lhe conferido o título de
Assistente ao Sólido Pontifício, com honras, privilégios e direitos de Conde Palatino.*

*Ainda no seu Governo, falece o 1º Arcebispo Metropolitano de Cuiabá,
Dom Carlos Luís d'Amour, e a Santa Sé resolve dar-lhe por sucessor seu ex-Bispo
Auxiliar, que, entanto, teriam ainda de permanecer, por alguns meses, na
Presidência do Estado.*

³ - Ibidem. p. 232.

⁴ - Ibidem. p. 232.

Entendia Dom Aquino não ser conveniente aos interesses da Igreja passasse ele assim, tão de imediato, da curul presidencial para a cátedra arquiépiscopal. Nesse sentido, faz ele respeitadas, mas insistentes ponderações junto à Nunciatura Apostólica, que se mostrou irredutível em seu entendimento contrário ao pensamento de Dom Aquino.

E ao Bispo de Prusíade não lhe restou mais que obedecer, obediência essa que tanto lhe pesara a princípio, mas que, ao depois, se lhe transformou, segundo suas próprias palavras, 'em manancial de confiança, consolação e conforto'.

Os imponderáveis da política amarguraram o jovem prelado, deixando-o de cabelos brancos, e, em tal sorte, que os inimigos, acirrados e ferrenhos da véspera, se reconciliaram, de vez, formando espécie de frente única contra o próprio Governante pacificador.

Por esse motivo, pugnou no sentido de ser indicado para outra Arquidiocese, o que não conseguiu, passando a conviver com os desafetos inevitáveis que todos os Governantes, em geral, logram encontrar durante o desempenho de seu mandato, mesmo em se tratando de um pastor de almas, e de um pastor de almas do porte de Dom Aquino Corrêa.

A 26 de agosto de 1921, ainda sob o pontificado de Bento XV, é elevado a Arcebispo Metropolitano e transferido da sede titular de Prusíade para a residencial de Cuiabá.

[...] Saíra do Palácio Alencastro tão pobre quanto nele entrara, e, dado o ambiente em que se vira envolvido pela política de então no Estado de Mato Grosso, teve o Arcebispo 'que estender a mão à caridade' fora do seu Estado, em São Paulo e no Rio de Janeiro.

[...] Disfarçava, entanto, o Arcebispo as suas amarguras, e daí em diante passou a ausentar-se mais amiudamente da terra natal que tanto, efetivamente, estremecia, para passar largo tempo de São Paulo ou no Rio de Janeiro, onde era muito benquisto e solicitado.

[...] A 16 de abril de 1922, com 37 anos de idade, toma posse, solenemente, do Arcebispado da Arquidiocese de Cuiabá, e a 8 de outubro do mesmo ano, em São Paulo, no Santuário de Jesus, é-lhe imposto, pelo Arcebispo de São Paulo, Dom Duarte Leopoldo e Silva, o Pálio Arquiépiscopal. No mesmo ano, é eleito sócio efetivo do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

A 14 de maio de 1924, em Cuiabá, vem seu pai a falecer, aos 81 anos de idade, o que lhe tira d'alma uma das Pastorais mais belas e comovidas de quantas jamais produziu.

[...] A 9 de dezembro de 1926, é eleito, no primeiro escrutínio, para a Academia Brasileira de Letras, na vaga deixada por Lauro Müller. Sua posse foi um acontecimento social: a ela compareceram o Presidente da República, Washington Luís, e todo o seu Ministério, bem como as figuras de maior destaque no mundo da cultura e social de então.

Pe. Pedro Cometti, que estudou a fundo a vida e obra de D. Aquino, assim se expressou quanto ao momento o arcebispo assumiu a cátedra nacional das letras:

A posse, na Academia Brasileira, se deu a 30 de novembro de 1927, em solenidade deveras singular. O próprio Presidente da República, Dr. Washington Luís, e o Ministério todo estavam presentes. O Arcebispo Dom Sebastião Leme e vários outros brasileiros representavam a Igreja. Impressionante a participação da sociedade da Capital da República à posse do Arcebispo de Cuiabá na Cadeira número 34, cujo patrono é o Padre Sousa Caldas, ocupada antes de Lauro Müller pelo Barão do Rio Branco.

A Imprensa deu ampla publicidade ao evento, bem como ao discurso de Ataúlfo de Pauiva e do novel acadênico.⁵

É ainda o estudioso da vida e obra de D. Aquino, Dr. Corsíndio Monteiro da Silva, que revela-nos os passos seguintes da trajetória frutífera do Arcebispo Cuiabano:

Em 1929, realiza sua primeira visita "ad limina apostolorum" e assiste, comovido, à canonização de Dom Bosco, tomando parte saliente nas cerimônias, uma delas que o fez considerar 'o ponto mais alto do seu episcopado', quando deu a bênção do Santíssimo, tendo o Papa prostrado aos seus pés.

A 11 de outubro de 1933, no Rio de Janeiro, em solene "Te Deum" de ação de graças, pela visita do Presidente da República da Argentina ao Brasil, em presença dos Chefes das duas Nações amigas, profere belíssima oração sob o tema: 'De Mãos dadas sob a Cruz de Estrelas', que lhe aumentou sobremodo o prestígio.

Em 1934, realiza-se em São Paulo, um festival comemorativo do seu Jubileu de Prata.

É designado, em 1938, pelo Governo Brasileiro, para representar o Brasil na VII Conferência Internacional de Instrução Pública em Genebra, havendo sido eleito, por aclamação, Vice-Presidente do certame. Posteriormente, ocupou a Presidência com o esperado brilho.

Em agosto de 1941, visita Cuiabá o Presidente Getúlio Vargas, tendo Dom Aquino lugar de destaque nas homenagens a ele prestadas, sendo que, nessa mesma ocasião, o Presidente é eleito Membro da Academia Brasileira de Letras. E Dom Aquino foi o primeiro a saudá-lo como tal no 'Te Deum' que celebrou em ação de graças na antiga Catedral Metropolitana.

Por ocasião da inauguração da nova Capital de Goiás, a 5 de julho de 1942, é Dom Aquino o convidado para proferir a Oração gratulatória. Nesse mesmo ano, é orador oficial, no Rio de Janeiro, na passagem do Fogo Simbólico, que partira de Minas Gerais rumo ao Rio Grande do Sul, e, em Niterói, é o orador no encerramento de seu 1º Congresso Eucarístico.

A 15 de agosto de 1943, é o orador oficial, em Mariana, em solene 'Te Deum' pelo 25º aniversário do Sagrado Episcopal de seu amigo e velho incentivador, Dom Helvécio Gomes de Oliveira.

⁵- COMETTI, Pe. Pedro. *Dom Aquino Corrêa, Arcebispo de Cuiabá: vida e obra*. p. 210.

[...] Em 1951, foi nomeado, Embaixador Plenipotenciário e Extraordinário do Brasil junto à República do Uruguai, e, em novembro desse mesmo ano, no Rio de Janeiro, em solene 'Te Deum' na Candelária, ao ensejo do Primeiro Dia Interamericano de Ação de Graça, profere belo sermão que foi mandado verter para a língua inglesa pela Embaixada dos Estados Unidos, e oferecido ao Cardeal Spellman, Arcebispo de Nova Iorque.

Em 1952, foi solenemente comemorado em Cuiabá seu jubileu de ouro sacerdotal e seu jubileu de prata acadêmico. Realizou-se, na ocasião, o 1º Congresso Eucarístico de Mato Grosso.

[...] E, 1954, lança sua última Carta Pastoral - "Maria, ou Morte!" - comemorativa do Primeiro Congresso Nacional da Padroeira do Brasil, Nossa Senhora da Conceição Aparecida.

D. Francisco de Aquino Corrêa faleceu em São Paulo a 22 de março de 1956, no Hospital Santa Catarina. O corpo embalsamado foi trazido para Cuiabá onde se deram as últimas despedidas do filho dileto. A oração final, ao pé do túmulo, foi proferida pelo Pe. Wanir Delfino César, sócio do Instituto Histórico que despediu-se do Arcebispo com as seguintes palavras:

*Sob os flabelos reais de mil palmeiras
Das múltiplas canseiras
Descanse o peito do Cantor e Pai,
Enquanto lá, nos páramos da glória,
O espírito em vitória
Visão divina desfrutando vai!*

*Guia bondoso dessas auras puras
Das excelsas venturas,
Que estás gozando no risonho Céu,
Volte esse olhar de Pai, constantemente,
A gemer da orfandade sob o véu!*

*Suplica à Virgem, a Celeste Musa,
Que a nada se recusa,
E a quem sagraste a sonora lira:
Ela que te inspirou da vida os passos,
E, nossos embaraços,
Os nossos rogos com amor defira!*

⁶ - SILVA, Corsíndio Monteiro da - *Tocado pela graça*. p. 12-26.

*Sob esse manto maternal e puro,
A destino seguro
Conduz os filhos teus, ó bom Pastor,
E como aqui tanta afeição nos deste,
Lá, da mansão celeste,
Mostra-nos hoje, teu paterno amor!*

*E assim possamos, num radioso dia,
De cândida harmonia,
Seguir teus vôos pelos céus além,
Da virtude e do amor nas brancas asas,
Do Deus em que te abrasas
Gozar contigo para sempre. Amém.⁷*

Padre Pedro Cometti, quando encerrou a monumental obra de sua autoria, *Dom Aquino Corrêa, Arcebispo de Cuiabá: vida e obra*, assim escreveu:

DESPEDIDA. Cuiabá, 2 de abro, de 1993.

Sempre lembrado e querido Senhor Arcebispo. Antes de dar entrada no Hospital de Santa Catarina, de onde voaria para Deus, Vossa Excelência escreveu-me a última de suas cartas, terminando assim: 'Quando nos veremos?' Foi a 20 de fevereiro de 1956.

Hoje, trinta e sete anos passados, ao concluir a biografia de Vossa Excelência, sinto haver cumprido um imperioso dever de consciência e que não poderia deixar a cena deste mundo sem legar, a quantos amam a Igreja, as Letras e a Pátria, o testemunho edificante de sua vida de Bispo, todo voltado a Deus e às almas; de brasileiro que estremeceu a Pátria e a serviu na curul presidencial, na cátedra do mestre e de orador consagrado; com cítara do poeta, arrastando a juventude aos mais altos e nobres ideais. O dia já declina (LC 24,29) e vou declinando para o ocaso.

O seu noviço de outrora, o jovem sacerdote ordenado por Vossa Excelência, na veneranda Sé de Cuiabá, há 48 anos, seu discípulo e secretário que mereceu seu carinho paterno ao longo de tantos anos, envelhecido e doente, sente-se feliz por haver cumprido esta dívida de afetuosa gratidão para com o Pai do seu sacerdócio.

Nesta hora vespéral da minha existência, sentindo fundas e pungentes as saudades do meu Arcebispo, imploro sua bênção e proteção, e agora, ao traçar com mão trêmula as últimas linhas desta biografia, sou eu que pergundo ao saudoso e querido Dom Aquino.

'Quando nos veremos?'

⁷ - COMETTI, Pe. Pedro. Op. cit. p. 533-534.

Até breve! O seu afeiçoado filho.
*Pe. Pedro Cometti.*⁸

D. Francisco de Aquino Corrêa deixou uma vasta obra:

- Publicações na **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso (RIHGMT)**:
 - *A Revista*. RIHGMT, 1919. Tomo 1.
 - *Mensagem Presidencial que cria o Brasão de Armas do Estado de Mato Grosso*. RIHGMT, 1919. Tomo 1.
 - *Pro-Patria atque immortalis* - RIHGMT, 1919.
 - *A fronteira Mato Grosso-Goiás* - RIHGMT, 1919.
 - *Bicentenário*. RIHGMT, 1919 – Tomo 1.
 - *Terra Natal*. RIHGMT, 1919. Tomo 1 e 2.
 - *Discurso de posse no IGHB em 26 de julho de 1926* - RIHGMT, 1925.
 - *Religião e Tradicionalismo*. RIHGMT, 1926. Tomo 16.
 - *Elogio do Padre José Manuel de Siqueira* - RIHGMT, 1926.
 - *Heróis obscuros da Igreja Matogrossense* - RIHGMT, 1926.
 - *De mãos dadas sob a cruz de estrelas*. RIHGMT, 1933.
 - *Centenário do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro – Sermão de ação de graça – 1939*.
 - *- *A Igreja, a República e o Estado Novo*. RIHGMT, 1939.
 - *- *Aos heróis de Laguna e Dourados* - RIHGMT, 1941
 - *Glória in Excelsis Dei*. RIHGMT, 1941-42.
 - *O Tratado de Madri*. RIHGMT, 1949-50
 - *Ciência e Fé* - RIHGMT, 1985

Na Revista do Centro Matogrossense e na Academia Mato-Grossense de Letras, contribuiu exaustivamente:

- O Centro Matogrossense de Letras: discurso inaugural do CML* - Centro Matogrossense de Letras 1922(1)
- A Flor do aguapé* - Centro Matogrossense de Letras 1922(2)
- Bandeirantes* - Centro Matogrossense de Letras 1923(3)
- A Monção* - Centro Matogrossense de Letras 1923(3)
- A Lufada* - Centro Matogrossense de Letras 1923(4)
- A Casa de Inocência* - Centro Matogrossense de Letras 1923(4)
- A Caçada de perdizes* - Centro Matogrossense de Letras 1924(5)
- Mez de Maria* - Centro Matogrossense de Letras 1924(6)
- Casa de telha* - Centro Matogrossense de Letras, 1925(7)
- A Laranjeira cuiabana* - Centro Matogrossense de Letras, 1925(8)
- Elogio do Padre José Manuel de Siqueira* - Centro Matogrossense de Letras 1926(9)

⁸ - Ibidem. p. 535.

- Herva de tapera* - Centro Matogrossense de Letras 1926(10)
Carmem secular - Centro Matogrossense de Letras 1927(11)
Discurso em posse na Academia Brasileira de Letras - Centro Matogrossense de Letras 1927(12)
Discurso de recepção na Academia Brasileira de Letras - Centro Matogrossense de Letras 1928(13)
Magdalena - Centro Matogrossense de Letras 1928(14)
Ruth - Centro Matogrossense de Letras 1928(14)
Santa das rosas - Centro Matogrossense de Letras 1929(15)
Ao largo(invocação à mocidade) - Centro Matogrossense de Letras 1929(16)
D. Bosco e a democracia - Centro Matogrossense de Letras 1930(17)
Hymnos e canções - Centro Matogrossense de Letras 1930(18)
D. Bosco e a juventude - Centro Matogrossense de Letras 1931(19/20)
Sonetos - Centro Matogrossense de Letras 1932(21-22)
Academia e Revista - Academia Matogrossense de Letras, 1933(1/2)
Sonetos - Academia Matogrossense de Letras, 1933(1/2)
Buriti solteiro - Academia Matogrossense de Letras 1934(3/4)
Elevação da mulher - Academia Matogrossense de Letras 1935(5/6)
O Cerrado - Academia Matogrossense de Letras 1936(7/8)
Barbosa de Sá - Academia Matogrossense de Letras 1947(9/10)
Mensagem aos homens de letras - Academia Matogrossense de Letras 1938(11/12)
O Primeiro Natal - Academia Matogrossense de Letras 1938(11/12)
Gonçalves Dias - Academia Matogrossense de Letras 1939(13/14)
À beira do Lemano - Academia Matogrossense de Letras 1939(13/14)
Marcha para Oeste – poesia - Academia Matogrossense de Letras, 1940(15-16)
Oração gratulatória a visita de Getúlio Vargas - Academia Matogrossense de Letras, 1941-1942(17-20)
Paládio de minha terra - Academia Matogrossense de Letras, 1941/1942(17-20)
Madrugadas cuiabanas - Academia Matogrossense de Letras 1943(21/22)
Dois suaves mistérios - Academia Matogrossense de Letras 1943(21/22)
Oração gratulatória a visita de Getúlio Vargas - Academia Matogrossense de Letras, 1941-1942(17-20)
Discurso de encerramento da sessão de posse do Acadêmico Jaime de Vasconcellos Academia Matogrossense de Letras 1944-1945(23/26)
In extremis - Academia Matogrossense de Letras 1944-1945(23/26)
Apresentação (do número comemorativo ao jubileu de prata da AML) Academia Matogrossense de Letras, 1946(27-28)
Discurso de recepção ao acadêmico Luis-Philippe Pereira Leite - Academia